

AS GUERRAS IMPERIALISTAS E A LUTA DOS IMIGRANTES E REFUGIADOS
| JESSICA STOLFI

A crise migratória e a ampliação de refugiados são outras graves consequências das guerras e conflitos locais impulsionados por potências imperialistas. Dados da Agência da ONU para refugiados estimam a existência de uma população de 40 milhões de pessoas refugiadas, isto é, pessoas que foram forçadas a deixar seus países por guerras, violência generalizadas e conflitos armados. A ACNUR ainda aponta que 5,4 milhões foram forçadas a fugir de seus países devido a violência ou perseguição apenas em 2025, elevando o total de acumulado global para 117,8 milhões de pessoas em situação de deslocamento forçado. Em 2024, um número recorde de pessoas viveu fora de seus países de nascimento, foram 304 milhões em todo o mundo, segundo a ONU. Nesse mesmo ano, os EUA receberam mais de 52 milhões de imigrantes. As políticas anti migratórias e a criação da ICE, a polícia de

Trump, prendeu e deportou milhares deles. Na Europa, foi aprovada a Lei dos Retornos, que acelera deportação de imigrantes irregulares, autoriza buscas em domicílios e permite a transferência de rejeitados para prisões fora do bloco europeu. Os comunistas são intransigentes na defesa dos direitos democráticos e trabalhistas dos imigrantes e dos refugiados. Defendemos sindicalização e direitos iguais para todos, seja imigrante ou nativo. O capitalismo força os trabalhadores - pela fome ou pela guerra - a abandonar seus países em busca de melhores condições. Nos países imperialistas, de capitalismo avançado, esses trabalhadores tornam-se mão-de-obra barata e as burguesias dos diferentes países se apoiam em preconceitos xenofóbicos para dividir os trabalhadores. Ao mesmo tempo, a imigração torna evidente a unidade da classe trabalhadora mundial contra o capitalismo, demonstrando

cotidianamente que os interesses fundamentais dos trabalhadores são os mesmos, não importando nacionalidade, religião, cor de pele etc. O problema burguês do controle de fronteiras apenas terá fim com o fim das próprias fronteiras e dos Estados-nação que as criam e sustentam, assim como as guerras imperialistas. Exigimos dinheiro público para serviços públicos, pelo fim do financiamento da máquina de guerra! A luta contra as guerras imperialistas é inevitavelmente a luta contra o capitalismo e contra a burguesia que lucra com a guerra. A tarefa do proletariado é dar as mãos aos seus irmãos imigrantes e refugiados e juntos derrubarem a burguesia em seu país, avançando um passo em direção à uma sociedade livre de classes em que a humanidade poderá construir um futuro em que sejamos socialmente iguais, humanamente diferentes e totalmente livres!

UMA ESCOLA DA REVOLUÇÃO

Em 26 e 27 de setembro, a Juventude Comunista Internacionalista (JCI) realizará a sua segunda Escola Nacional de Formação (ENF). Jovens e trabalhadores de diferentes regiões do país vão se encontrar para debater temas da tática e estratégia revolucionária. Na edição 2026, os temas relacionam a teoria da Revolução Permanente aplicada à Revolução Venezuelana, cujo ataque imperialista operado por Trump reverbera em toda a América Latina, bem como as táticas utilizadas pelo movimento operário desde sua fundação, e quais delas fortalecem a luta de classes e a independência das classes oprimidas. Leia a convocatória, confira a programação e inscreva-se no QR Code ao lado. Prepare-se para a ENF da JCI 2026, leia os textos teóricos que estão sendo publicados semanalmente em juventudecomunista.com, convite e converse com seus amigos e camaradas, faça anotações de perguntas e contribuições para sua participação nessa escola da revolução!



ESPÁRTACO

BOLETIM NACIONAL DA JUVENTUDE COMUNISTA INTERNACIONALISTA

UMA PERSPECTIVA REVOLUCIONÁRIA PARA A QUESTÃO AMBIENTAL

I EDITORIAL

Ingressamos na era dos desastres ambientais, eventos extremos cada vez mais frequentes e mais intensos. Em 2026, já temos que lidar com o "Super El Niño", fenômeno natural mais intenso que aquece o oceano Pacífico e interfere na circulação dos ventos e distribuição da umidade na atmosfera. Nos últimos 100 mil anos, as temperaturas nunca estiveram tão altas. O ano de 2023 havia sido o mais quente já registrado, mas 2024 ultrapassou essa marca. O recorde anterior havia sido registrado apenas em 2016. E São Paulo tem se aquecido mais do que a média global.

Esse desequilíbrio é causado pela crise do capitalismo que, impulsionado pela busca por lucro e pela queda dos ganhos, gera mais guerras, desigualdade, exploração, além de devastar os ecossistemas, convertendo, assim, as forças produtivas da humanidade em forças destrutivas. Grande parte dos nossos problemas passa pela forma como o Brasil foi urbanizado. Tivemos uma industrialização tardia, acelerada, desordenada e dominada pelo capital financeiro internacional. A crise ambiental é a consequência da atuação do Estado pelos interesses de multinacionais que acumularam capital explorando nosso povo e nossos recursos naturais de modo predatório.

As cidades de um país dominado pelo imperialismo são cidades sem o urbano, inacabadas e que nunca se completam. A cidade nasce, cresce, mas sem conhecer as acessibilidades urbanas, são construídas e reconstruídas de

costas para a ciência, sem correspondência com seu relevo e seus rios. As desigualdades sociais segregam a cidade e as oportunidades de trabalho localizam-se distantes das moradias populares. Isso explica o deslocamento diário amplificado, o que também é fonte de lucro, com privatizações e tarifas. Ou seja, mais tempo e energia gastos com transporte, mais emissões de gases estufa e intensificação de ilhas de calor que aumentam as tempestades. Tudo isso sem planejamento urbano, especialmente São Paulo, uma cidade desenhada para o automóvel.

É o tipo de situação que Lula gosta de lidar para se reunir com empresários e vender o Brasil como País do Futuro, ou liderança ambiental global, enquanto abre a exploração de petróleo na foz do Amazonas e garante ao agronegócio o roubo de recursos naturais do Cerrado. E com ajuda do PSOL, de Boulos, canalizam as insatisfações com o capitalismo para as eleições, rebaixando o programa aos limites das alianças com os políticos da ordem. Ou vendem ilusões de que instituições farsescas como as COPs da ONU podem estabelecer um contraponto ao mercado e ao imperialismo.

Mas cresce o interesse da juventude na política revolucionária. Embora a ciência conheça algumas soluções, os recursos financeiros, a vontade política e os investimentos preventivos são insuficientes para proteger as populações e superar os impactos imediatos. É necessário pôr fim a exploração predatória da

natureza, defender a ciência e aumentar os investimentos nas universidades públicas com objetivo de satisfazer as necessidades sociais e não das empresas.

A solução duradoura para os problemas ambientais passa pela planificação socialista com um sistema envolvendo a produção, distribuição e consumo de bens e serviços de forma centralizada, baseada em decisões coletivas, planejadas nacional e internacionalmente. Essa política é capaz de construir um mundo de reconciliação entre o homem e a natureza, de encerrar a privatização, a mercantilização da habitação, transporte e serviços públicos e acabar com a segregação em classes sociais.

Nos dedicamos à construção de uma organização revolucionária que organize jovens e trabalhadores, porque as ideias de "capitalismo verde", consumo consciente e boicote individual são ilusões burguesas e pequeno-burguesas de que é possível reformar o capitalismo deixando-o mais humano. Mas as catástrofes ambientais confirmam a alternativa que coloca o marxismo: socialismo ou barbárie.



Zdeněk Šásek, com alteração de cor pela IA

SOLIDARIEDADE AOS JOVENS E TRABALHADORES DA ÍNDIA: LUTAR PELO FIM DO VESTIBULAR

I MARIA LUCIA



No final do mês de julho houve protestos em Nova Deli, na Índia, liderado pelo Partido Popular das Baratas, devido ao cancelamento da prova de admissão para o ingresso no curso de medicina por conta do vazamento ilegal e venda da prova. O Partido Popular das Baratas, Cockroach Janta Party (CJP) é um partido totalmente satírico que foi criado após o presidente da Suprema Corte da Índia usar o termo “baratas e parasitas” para classificar jovens que se dedicam ao ativismo. Após dois dias com inúmeros comentários e repercussões acerca da sua fala desrespeitosa, ele se corrigiu dizendo que apenas se encaixa em quem tem diploma falso. Tudo isso foi um aglomerado de acontecimentos que culminou em protestos exigindo a renúncia do ministro da educação Dharmendra Pradhan. O movimento repercutiu tanto com a causa de modo que foi um dos protestos mais visíveis contra o primeiro-ministro, Narendra Modi. No dia 21/07 ocorreu uma violenta reação com cacetetes e bomba de lacrimogênio nas manifestações do CJP que infelizmente deixou inúmeros jovens feridos, cerca de 60 pessoas ficaram feridas.

Prestamos toda a solidariedade aos estudantes que foram vítimas do stress em relação às provas, bem como aos presos e feridos nas manifestações. Nós da Juventude Comunista Internacionalista, repudiamos a violência policial contra as manifestações legítimas da juventude e dos trabalhadores. Após semanas de manifestações, o ministro da educação renunciou. Assim o Movimento dos Baratas conquistou uma de suas reivindicações. No entanto, nada mudou. Assim como no Brasil, a Índia também aplica o sistema de vestibulares para ingresso nas universidades mais prestigiadas. Anualmente cerca de 2 milhões se candidatam para tentar uma vaga nas principais faculdades, visando melhorias nas condições de vida. O Movimento dos Baratas, no entanto, não exige o fim dos vestibulares e vagas para todos os jovens nas universidades públicas. A exigência atual do movimento é a reforma do sistema, adoção de critérios meritocráticos contra o atual nepotismo e fraudes para benefícios. No entanto, apenas 25 a 30% dos jovens que terminam o ensino médio na Índia prestam os exames nacionais. O restante sequer tenta fazer a prova por questões financeiras, falta de preparo acadêmico, pressões para começar a trabalhar. Como vemos, para unificar camadas mais amplas de jovens e trabalhadores e fortalecer o movimento em direção a uma real mudança é preciso conectar-se com medidas transitórias de unidade e independência dos jovens e trabalhadores, como a exigência do fim dos vestibulares e que todo jovem tenha uma vaga garantida na universidade pública assim que terminar o ensino médio.

REVOLUÇÃO DA GERAÇÃO Z?

LUCY DIAS

“Geração Z” é um termo desenvolvido analisando dados estatísticos de recortes populacionais por idade nos EUA, com características sociais e culturais próprias daquele país e de determinada época. Este termo tem sido aplicado equivocadamente para diferentes países com diferentes realidades sociais. Soma-se o fato de que a disseminação do termo impede, ou pelo menos dificulta, uma análise das classes sociais em movimento nesses fenômenos, tratando todos como uma massa homogênea caracterizada por sua idade, levando a oposição de gerações e não de classes. Outro aspecto de crítica é a tentativa de substituir o sujeito revolucionário, a classe trabalhadora, suas organizações e direção revolucionária, pelo sujeito revolucionário “juventude”, assim dissolvendo a consciência de classe. Não é adequado que se fale em revolução, pois, exceto em alguns países, houve mudanças profundas. Na maioria, as demandas não tocaram as relações fundamentais de classe e de propriedade, mantendo intocado o sistema capitalista, em favor de demandas democráticas, como no caso da Índia.

A CONQUISTA DO FUTURO EXIGE CIÊNCIA E MÉTODO PROLETÁRIOS

I LUCY DIAS

As classes sociais ocupam lugares objetivos na produção capitalista. É desse ser social que emerge uma consciência teórica e política, que reflete, interpreta e age no mundo ao seu redor, que produz sua própria ciência, e que, por sua vez, materializa-se em organização, em estratégia e táticas.

Enquanto se cristalizou o conflito antagônico fundamental entre burguesia e proletariado e a medida em que se desenvolveu o próprio capitalismo, este, por sua vez, não eliminou a classe intermediária de pequenos proprietários, pequenos patrões, que são arruinados sob o capitalismo e empurrados à proletarianização.

Esse tipo social, “enfurecido pelos horrores do capitalismo”, produziu frequentemente o que Lenin chamou de revolucionarismo pequeno-burguês ou ultrarrevolucionarismo, cujo principal representante na Rússia de sua época foi o Partido Socialista-Revolucionário (SRs). Os SRs, ainda que admitissem a luta política de massas, a organização partidária e a

atuação no movimento operário, mantinham a concepção de revolução baseada no campesinato e os métodos de terrorismo contra representantes do Estado de seus ancestrais narodniks.

Os comunistas não são pacifistas. Defendemos inúmeras vezes na história do movimento operário a necessidade da organização, inclusive armada, da classe operária revolucionária. Não condenamos, por princípio, o terror da grande revolução francesa ou o terror de um partido vitorioso assediado pela burguesia do mundo inteiro. Ao mesmo tempo, alertamos contra o aventureirismo, expomos as ilusões e a completa decepção que provocam nas massas as táticas pequeno-burguesas tal como o terrorismo individual.

O POSDR atuou nas manifestações estudantis de 1902 as quais conclamou o auxílio dos operários. Quando as manifestações se consolidaram o partido clamou pela organização e armamento das massas. Sobre esse episódio Lenin afirmou: “Sem negar, em princípio, a violência e o terrorismo, exigimos o trabalho de preparação de formas

violência que fossem capazes de provocar a participação direta das massas e que garantissem essa participação. Não fechamos os olhos às dificuldades dessa tarefa, mas trabalhamos nela com firmeza e persistência, sem nos deixarmos intimidar pelas objeções de que se trata de uma questão de um “futuro vago e distante”. Sim, senhores, defendemos o futuro e não apenas as formas passadas do movimento. Damos preferência a um trabalho longo e árduo naquilo que promete um futuro, em vez de uma repetição “fácil” do que foi condenado no passado.”¹

Assim como a Comuna de Paris enterrou politicamente a escola do conspiracionismo blanquista, a Revolução de Outubro enterrou política, teórica e taticamente a escola terrorista dos narodniks, mostrando a superioridade da classe operária como classe revolucionária, sua ciência – o marxismo – e os métodos operários de luta que, por mais árduos e longos, são a nossa única e mais desenvolvida arma na defesa e na conquista do futuro socialista.

¹Aventureirismo Revolucionário, Lenin 1902

A BATALHA DE ARGEL E UMA REFLEXÃO SOBRE A AÇÃO DIRETA I HELENA ROCHA

O filme ítalo-argelino ‘A Batalha de Argel’ de 1966, retrata a Guerra de Independência da Argélia (1954-1962). O filme enfatiza os métodos de guerrilha urbana e de terrorismo por parte da Frente de Libertação Nacional (FLN) e a repressão brutal do governo francês. Apesar de seu contexto de fato histórico, uma boa parte da trama é dramatizada, contendo reflexões relevantes sobre os métodos na luta revolucionária.

Tal qual o grupo russo Narodnaia Vólia (Vontade do Povo) do qual pertenceu o irmão mais velho de Lenin, os membros da FLN realizaram táticas de terror, seja pelo assassinato de polícias e servidores coloniais, seja o bombardeio retaliatório de alvos chocantes, ambas organizações partiram dessas ações. O filme, em P&B e legendado no YouTube, explica a concepção dos métodos utilizados pela FLN: “os atos de terror não vencem guerras ou revoluções, mas agem como um início mobilizando o povo para atingir a vitória”. Contradizendo essa visão, fica evidente que a liberdade foi conquistada com ação direta de massas e não de um pequeno grupo, demonstrada nas últimas cenas do longa.

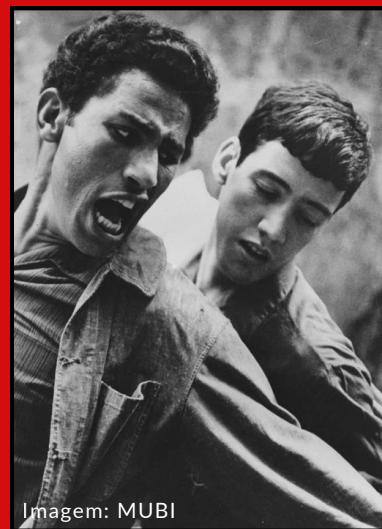


Imagem: MUBI

SOMOS A FRAÇÃO JOVEM DA ORGANIZAÇÃO COMUNISTA INTERNACIONALISTA.

EXPEDIENTE
DIRETOR DE PUBLICAÇÃO: SERGE GOULART
CONSELHO EDITORIAL: LUCY DIAS, MARIA LUCIA, LETÍCIA DE TOLEDO, JESSICA STOLFI

REVISÃO: RENATA PARADISO
JORNALISTA RESPONSÁVEL:
RAFAEL PRATA MTB Nº40040/SP